



A LITERATURA INFANTIL NO DISCURSO EDUCACIONAL DA DÉCADA DE 1930: CECÍLIA MEIRELES E A CRIANÇA LEITORA



Andreia Cristina Teixeira TOCANTINS*
Rosângela Veiga Júlio FERREIRA**

RESUMO

Este texto discute o projeto de formação de leitor com o qual a intelectual Cecília Meireles se envolveu durante a década de 1930. Buscamos na leitura das crônicas jornalísticas escritas por Meireles, quando dirigiu a *Página de Educação* do matutino carioca *Diário de Notícias*, identificar a concepção de criança e de leitura que a intelectual defendeu. Em especial no que se refere à concepção de literatura infantil que deveria, a seu ver, nortear os livros destinados à criança leitora. Na mesma medida, discutir como o pensamento da educadora, que também escreveu para crianças, consolidava-se como crítica ao movimento editorial da época. Argumentamos no sentido de que as contribuições de Meireles em defesa de uma literatura que respeitasse a forma com a qual a criança pode ver o mundo é parte do movimento de um tempo de lutas político-educacionais por ela vivido.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Criança leitora. Literatura infantil.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é discutir, através dos discursos jornalísticos de Cecília Meireles, o papel que a literatura infantil ocupou no cenário educacional da década de 1930, período no qual os debates acerca da educação no Brasil tornaram-se intensos.

Com a Revolução de trinta do século XX, eclodiu, no Brasil, uma luta de ideais no campo da educação. A educação pública laica e a coeducação dos sexos estavam no coração do ideário progressista nos quais, segundo Cecília Meireles, uma revolução abrigava, em seu bojo, ideais fortemente marcados pela coragem. Não deixava escapar a seus leitores, quando escrevia crônicas político-educacionais para o jornal *Diário de Notícias*, a importância desse momento para a educação. Meireles discutiu, em algumas de suas crônicas, a ideia de que a Revolução transformara o Brasil em uma formidável

* Licenciada em Geografia. Bolsista de Iniciação Científica no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF.

** Doutora em Educação. Professora EBTT do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF.

esperança para o mundo, possibilitando a emergência de características de um movimento significativamente educativo, dizendo que não havia dúvida de que, “ante uma grande possibilidade de melhorar a vida por uma violenta alteração da ordem das coisas, todos os educadores devem sentir-se e querer ser revolucionários”¹. Nessa perspectiva de pensar o papel da Revolução, era possível encontrar, nas pessoas que idealizaram e instituíram caminhos para a escola, “qualidades de coragem superior, iniciativa, justiça, pureza, desinteresse e fraternidade que são os pontos essenciais de qualquer plano de educação”².

As escolhas políticas de Cecília Meireles a conduziram a assinar o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, em 1932, um documento de proposta para o governo a fim de viabilizar a implementação dos ideais da Escola Nova para o Brasil³. Esse Manifesto rompeu com a proposta dos educadores católicos à época e se consolidou como um evento marcante da história da educação brasileira, à medida que propunha uma renovação educacional. Foi liderado por um grupo de educadores brasileiros, que contava, também, com a presença de Fernando de Azevedo, Armanda Álvaro Alberto e Anísio Teixeira, dentre outros, que aspiravam à modernização do país pela via da educação.

O que interessa a este texto em especial é entender a dimensão política da atuação de Cecília Meireles a partir das discussões desse Manifesto no qual se corroborava uma postura em defesa de um lugar para a criança nos debates educacionais daquela geração. Entendemos ser esse um momento vivenciado por Meireles crucial nas escolhas que nortearam a defesa por uma literatura infantil que considerasse o gosto literário da criança.

A análise de correspondências e de crônicas jornalísticas de Cecília Meireles foi o que nos permitiu compreender seus posicionamentos a respeito de educação, infância e

¹ MEIRELES, Cecília. *Educação e Revolução*. 31 de outubro de 1930.

A escolha, no caso das fontes primárias – carta e crônica jornalística - foi por citar o nome da Cecília Meireles, acompanhado do nome a quem a carta se dirige e a data em que foi escrita e, no caso da crônica, o título e a data da publicação, sendo ambas as referências em nota.

Para ter acesso a algumas das fontes aqui citadas, ver site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: <<http://bndigital.bn.br/>>.

² MEIRELES, Cecília. *Educação e Revolução*. 31 de outubro de 1930.

³ O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi consequência de discussões oriundas da IV Conferência Nacional de Educação, realizada em dezembro de 1931, em que um grupo de educadores – alguns deles membros da ABE – lançou-o, em 1932 – com a finalidade de criar um movimento que possibilitasse o controle dessa Associação. Tal documento foi redigido por Fernando de Azevedo. Pela repercussão alcançada em nossos meios educacionais e culturais, constituiu-se em um acontecimento marcante na história da educação brasileira. Ver a respeito em Rocha (2004).

literatura, percebemos que, para ela, a criança deve ser pensada com um ser específico, e, portanto, deve ter uma literatura voltada a sua educação e a seus interesses.

Organizamos os argumentos deste texto, em um primeiro momento, trazendo um recorte das atuações de Cecília Meireles, na década de 1930, discorrendo sobre seus posicionamentos em torno do ideário da Escola Nova expresso em sua atuação estratégica à frente das discussões sobre educação que circulavam na imprensa carioca. Na sequência, discorreremos sobre a concepção de literatura que a cronista educacional defendeu nesse espaço jornalístico, entendendo a importância de que àquele tempo se instituísse uma luta política em torno da ideia de uma infância que deveria ser responsabilidade dos adultos da família, da escola e do governo. Em linhas gerais, trazemos ao debate ainda que não escaparam às críticas cecilianas também aqueles adultos que respondiam pela produção literária destinada às crianças. O sentido de criança e de literatura infantil em Cecília Meireles foi o que nos moveu a promover essa discussão em torno da ideia de que a leitura pública para criança é um tema que ainda se coloca na contemporaneidade.

AS FACETAS DE CECÍLIA MEIRELES E A DEFESA POR UM LUGAR PARA A CRIANÇA EM SEUS DISCURSOS EDUCACIONAIS

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu no Rio de Janeiro em novembro de 1901 e faleceu nesse mesmo mês, em 1964. Iniciou seus estudos na Escola Estácio de Sá, passando depois para o Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ), onde se formou normalista em 1917, aos 16 anos. Desenvolveu trabalhos tanto como professora quanto escritora. Envolveu-se no movimento da Escola Nova e assinou o *Manifesto dos Pioneiros da Educação*, conforme apontado na introdução deste texto, ao lado de grandes intelectuais da década⁴.

Se, naquele momento, Cecília Meireles vivia uma época de efervescência política, as pistas presentes nos textos veiculados no espaço jornalístico permitem afirmar que, a intelectual estava também envolvida numa séria aventura política. Acreditava, dentre outras coisas, que a imprensa poderia exercer um papel decisivo na implementação dos

⁴ Além de Cecília Meireles assinaram o Manifesto: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Roquette Pinto, Armanda Álvaro Alberto, Noemy Silveira, Lourenço Filho, Edgar Sussekind de Mendonça, Paschoal Lemme, Afrânio Peixoto, Hermes Lima, Nóbrega da Cunha, Venâncio Filho, C. Delgado de Carvalho, Frota Pessoa, Raul Briquet, Sampaio Dória, Afílio Vivacqua, Júlio de Mesquita Filho, Mário Cassanata, A. Almeida Júnior, J.P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Paulo Maranhão, Garcia de Rezende, Raul Gomes (XAVIER, 2002).

ideais educacionais: “ora, um jornal deve ser, antes de tudo, um meio de estabelecer comunicação entre os pensamentos dos homens. Assim, pois, passamos a relatar as notícias que, no espaço de um dia, nos foram enviadas pelas mais diversas pessoas”⁵.

No mês de dezembro de 1930, Cecília deixou transparecer a preocupação em acompanhar bem de perto os caminhos que poderiam significar a manutenção dos ideais revolucionários acoplados aos educacionais. Fato este que significava um importante caminho para a constituição de uma “coisa admirável: lutar por fazer permanente os ideais de justiça, de pureza, de integridade, de trabalho, que são os escudos desta luta. A orientação moderna das escolas é justamente essa mesma”⁶. A jornalista-educadora dizia que a educação representava um anseio da coletividade, hermético ainda no subconsciente do povo, mas impecavelmente claro para os olhos dos que permitem o pulsar de inquietações. Trata-se de “uma aspiração tão geral, tão profunda, tão intensa e extensa que a própria revolução não passou de um apelo para a transformação integral de que o Brasil carece: e só a educação, todos sabem, produz transformações integrais”⁷.

Se o Manifesto, por ela assinado, foi o documento símbolo de uma geração de brasileiros que aplicou o melhor de suas inteligências e forças na luta pela democratização da educação, Meireles representava essa geração de maneira singular. Trata-se de uma intelectual comprometida com a educação e que, no decorrer da trajetória de cronista, não deixou de revelar especificidades singulares⁸.

Ao assinar o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, Meireles divulgou e materializou esse pensamento não só nos discursos jornalísticos nos quais defendeu a concepção de criança presente no referido Manifesto, mas também quando organizou a biblioteca infantil Pavilhão Mourisco.

A concepção de infância presente no Manifesto e em seu discurso era a de criança como um ser belo e generoso – pensamento herdado da geração iluminista. A essa criança a escola deveria satisfazer as necessidades e favorecer o intercâmbio de experiências que a levassem ao trabalho, uma vez que “convém aos seus interesses e às

⁵ MEIRELES, Cecília, **Como dizíamos ontem**. 14 de fevereiro de 1930.

⁶ MEIRELES, Cecília. **Um dos resultados da revolução**. 03 de dezembro de 1930.

⁷ MEIRELES, Cecília. **As iniciativas educacionais de Após-Revolução**. 19 de dezembro de 1930.

⁸ Tanto Cecília Meireles como outros signatários atuaram ativamente no processo de divulgação das ideias contidas no Manifesto, de acordo com os estudos de Xavier (2002) “O campo de identificação no qual os pioneiros se movimentavam, não era dado apenas pelo projeto educacional que o Manifesto apresentava de forma sistematizada ou das concepções teóricas ali afirmadas. Podemos perceber a configuração desse campo de identificação também pela atuação concreta dos signatários, ou seja, de sua atuação profissional e de seus esforços em prol da organização do campo educacional, de sua interferência direta na administração da instrução pública segundo as reformas por eles implementadas” (p. 24).

suas necessidades” (AZEVEDO, 1932, s/p), a quem deve ser proporcionado o contato com o ambiente ao seu entorno “para que [os adultos] possam, desta forma, possuí-la, apreciá-la e senti-la de acordo com as aptidões e possibilidades” (AZEVEDO, 1932, s/p), preparando-a para o trabalho e para vida. Desta forma, a escola teria a responsabilidade de articular conhecimentos científicos e técnicos com a arte, a literatura e os valores sociais. Todas as vezes em que o discurso de Meireles recaía sobre uma modernidade educacional pensada na e pela escola, especialmente para uma criança que precisava ser protegida das mazelas sociais, aproximava-se do que considerou como um momento ímpar da história da educação brasileira – o Manifesto.

Cecília era uma intelectual que acreditava que os artífices, os sábios e as crianças representam a essência da humanidade por terem uma visão das coisas do mundo muito diversa do resto da humanidade. Afirmava que os profissionais da educação deveriam buscar compreender as especificidades dessas criaturas. Especificidades essas que as faziam tornar-se criaturas sensíveis. Defendia veementemente que escrever para criança requer sensibilidade e muita seriedade. Para a educadora, o livro infantil deveria ter um aspecto gráfico educativo, sendo capaz de instigar a sensibilidade do leitor, uma vez que crianças e adolescentes têm formas específicas de pensar.

CECÍLIA MEIRELES E A LITERATURA INFANTIL: DESAFIOS DE UM TEMPO

A criança leitora foi tema recorrente nos discursos jornalísticos de Cecília Meireles. Exortou os autores a atentarem para a relevância e a urgência de uma literatura dedicada às crianças. Ela própria escreveu para crianças e proferiu palestras com o intuito de sensibilizar os professores para a necessidade de que essas leituras ocupassem um lugar especial nas escolas.

Os problemas inerentes à elaboração de livros para as crianças fizeram parte das preocupações dessa educadora comprometida com a infância. Tratava-se de estudos complexos e, obviamente, centrados no ponto de vista de quem os analisa. Nesse caso, a força elocutória de Cecília Meireles se efetivou pela ênfase dada às concepções de educação e infância que defendia.

Um dos pontos que fez parte desta preocupação foi a leitura realizada na escola. Fato que justifica a preocupação de Cecília Meireles no que tange ao “o quê”, “como” e “para quê” se lê nas escolas, colocada em cartas a Fernando de Azevedo. Um aspecto relevante para as indicações de livros para leitura escolar eram os bens disponíveis. No

Brasil, das primeiras décadas do século XX, era restrita a produção de livros e outros bens culturais para as crianças. A própria concepção de infância estava se alterando. A imaginação, a fantasia, o maravilhoso, o grandioso, o heroico e o sobrenatural como “coisas de criança” estavam sendo divulgados junto com os então modernos estudos da psicologia infantil. Houve uma adequação dos impressos utilizados pelas escolas ou produzidos para elas, objetivando a adequação do que deveria ser lido pelas crianças nos cursos primários. Na opinião de Meireles, estas limitações não justificavam a exploração comercial de livros de qualidade duvidosa.

Para Meireles fazia-se necessário refletir acerca dos efeitos que determinadas leituras podem vir a causar na infância e na adolescência. Em correspondência a Fernando de Azevedo deixou transparecer essa preocupação quando contou que estava trabalhando em uma “comissão técnica, estudando o que leem as crianças cariocas. Isso me absorve cerca de quatro horas mais, por dia. Faço-o intensamente, quer como ação quer como intenção. Pode ser que se chegue a uma visão sugestiva do que temos e do que precisamos”⁹ (MEIRELES, 1931 apud LAMEGO, 1996, p. 218).

Sempre que possível Meireles escrevia na coluna *Comentários*, do jornal *Diário de Notícias*, sobre os livros infantis lançados no Brasil e no exterior. Analisava tais livros à luz de uma concepção de infância que requeria atenção às especificidades dessa etapa da vida¹⁰. Crítica, estava atenta ao percurso empreendido pelos escritores, ao escreverem para esses leitores em especial, e reforçava a importância de que esses livros instigassem o imaginário da criança, considerando a linguagem e as ilustrações.

Para Cecília Meireles: “Sempre que uma atividade intelectual se manifesta por intermédio da palavra, cai, desde logo, no domínio da Literatura” (MEIRELES, 1984, p.19). Tal perspectiva de compreensão da literatura aponta para a oralidade. Segundo os estudos da autora, essa possibilidade antecede ao processo de apreensão do alfabeto e pode ser compreendido como um rico legado literário. “Os iletrados possuem a sua Literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias” (MEIRELES, 1984, p. 19).

⁹ Cecília Meireles iniciou esse inquérito – chamado Leituras Infantis - em 1931, que foi publicado pelo Instituto de Pesquisas Educacionais, em 1934. Anteriormente, Helena Antipoff empreendeu o inquérito **Idéias e Interesses das Crianças de Belo Horizonte**, quando atuava como pesquisadora da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. Esse estudo foi publicado em 1929. Outros inquéritos com a mesma finalidade foram publicados na década de 1930. Cf. Pimenta (2001).

¹⁰ Além de analisar os livros de Monteiro Lobato, fizeram parte da sua atuação como crítica literária as obras do argentino Constâncio C. Vigil, entre outras.

A imagem que a educadora lançou sobre a literatura oral se expandiu também para a escrita; mas, no que se refere à que é voltada para a infância, aponta algumas especificidades: “Evidentemente, tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil” (MEIRELES, 1984, p. 20). O ponto central dessa questão apoia-se exatamente na própria criança. Cecília diz que elas é que deveriam delimitar as leituras significativas a partir de dois pontos: utilidade e prazer. Com base nessa premissa argumentativa, não haveria uma literatura Infantil anterior, mas, sim, posterior, ou seja, a que se definiria através do contato da criança com o livro. Com essa colocação, a educadora aponta claramente a importância não só de se ouvir a criança como a de respeitar sua singularidade no espaço literário. O fato de que existem livros infantis que foram resultados de um simples juntar de palavras dificultam, na opinião de Meireles, que tal ponto de vista sobre a literatura infantil se consolide (MEIRELES, 1984, p.20-21).

A intelectual argumentou, de forma reiterada, que era necessário que a criança se comunicasse com o “universo que está nos astros e nos planetas e nos olhos maternos, em que adormece o conhecimento silencioso do segredo da vida”¹¹, ou seja, sonhasse, viajasse, se enriquecesse e ao outro com suas experiências. Acreditava que o livro não podia limitar a vida em pequenos aspectos, ao contrário, deveria “deixar a sua forma integral que só integral satisfaz, como alimento humano”¹². A leitura deveria, então, impulsionar as crianças a novos horizontes, alimentando-a.

Defendia, de forma veemente, a importância de uma atitude ética necessária aos autores de livros infantis que revelava a concepção de que escrever para crianças implicaria, necessariamente, unir arte e ciência. Arte, na medida em que um texto pensado para as crianças não determinaria limites à imaginação. Ciência, por considerar as especificidades da infância, entendendo a criança como uma leitora capaz de ultrapassar paradigmas, quando impulsionada por uma leitura curiosa do mundo que a cercava. Formar a criança leitora constituiu-se como um dos compromissos de Meireles, para quem era necessário que aqueles que escrevessem para as crianças as percebessem “com elevação e inteligência”¹³, concebendo-as como sujeitos com autonomia de pensamento.

¹¹ MEIRELES, Cecília. **Livros para crianças [III]**. 26 de abril de 1932.

¹² MEIRELES, Cecília. **Livros para crianças [III]**. 26 de abril de 1932.

¹³ MEIRELES, Cecília. **A infância**. 20 de dezembro de 1930.

Para a escritora era necessário conhecer o mundo infantil, cuja visão difere da dos adultos por terem uma forma própria de sentir e pensar. Com o resultado do inquérito, comentado nas cartas a Fernando de Azevedo, chega a mudar as diretrizes iniciais de um livro de literatura que lhe havia sido encomendado:

E quanto ao livro, tenho a comunicar-lhe o seguinte. Já estavam 6 contos escritos quando a Revolução se encarregou de me perturbar a tranquilidade necessária para qualquer intenção artística. Os 6 que tenho parecem-me belos mas longos. Como o inquérito realizado sobre a leitura infantil demonstrava um interesse maior em crianças de 12 a 14 anos, procurei fazer o livro para esses leitores e, assim, tive de escolher o tema e a linguagem que já são bastante poéticos: numa transição da infância para a adolescência. No entanto, pelo meu feitio imaginativo e o meu estilo, sinto que este livro subiu muito do nível comum (não digo como valor, mas como dificuldade, a meu ver).

Pensei, então, em fazer passar estes contos por uma classe de quarto ou quinto ano que, desconhecendo a autora, finalidade, etc, opinasse com toda isenção sobre o assunto.

Numa rápida conversa que tive ontem, por telefone, com o Dr. Anísio, falei-lhe nisso, e ele se prontificou a me deixar fazer a experiência. Creio que será interessante fazê-la e, assim, terei mais certeza ao escrever os contos que me faltam. [...]. **Parecia-me que o livro poderia ser composto de coisas leves e graves, engraçadas e belas, anedóticas e lendárias.** (MEIRELES, 1932 apud LAMEGO, 1996, p. 228) (Sem grifo no original).

A imagem dessas preocupações cecilianas, resultado, talvez, da sensibilidade inerente de sua verve poética, apontava, no discurso jornalístico, uma necessidade emblemática de se ter não só livros especiais para esses pequeninos seres, mas, também, um espaço específico. Cecília Meireles via a importância da ciência auxiliando-a a compreender as especificidades para além de pressupostos teóricos deterministas. Para a escritora, escrever para crianças requeria uma intuição perpassada pela razão. “O autor deve conhecer os interesses das crianças para que se possa escolher, distribuir, graduar e apresentar os assuntos” (CORRÊA, 2001, p. 124).

Cecília, em diversos momentos de sua trajetória, preocupou-se em articular questões literárias às educacionais desde os mais minuciosos cuidados no que se referia à sensibilidade artística dessas importantes obras literárias até a necessidade de se atingir um maior número de leitores. Para a poetisa, os livros abrigam uma enorme fonte de aprendizagem e, portanto, a qualidade deles era fator de extrema importância.

A tensão entre uma concepção de criança capaz de produzir sentido para suas experiências no mundo e aquela de um sujeito a ser moldado pela vontade do adulto também atravessa a produção literária de Meireles voltada ao público infantil. Na década de 1910, produziu uma obra literária com uma perspectiva moralizante (FERNANDES, 2008). Trata-se da obra *Criança Meu Amor*, que foi adotada pela Diretoria Geral de

Instrução Pública do Distrito Federal (LÔBO, 2010)¹⁴. Nesse livro a criança aparece como ser dócil e que deveria obedecer aos adultos da família e aos de outras instâncias sociais, como a escola.

Quase duas décadas depois essa perspectiva moralizante da literatura voltada para a criança ganhou contornos diferentes na obra literária de Meireles. Resultado, a nosso ver, do próprio processo de interação com intelectuais brasileiros representantes do movimento da Escola Nova, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Armanda Álvaro Alberto, Noemi Silveira, entre outros. Além desses, destacamos o encontro com a educadora francesa Mme Artus Perrelet, que veio ministrar um curso sobre como é importante práticas de desenho na educação das crianças, e outros literatos infantis, que constantemente citava na *Página de Educação* que dirigia, sustentando a ideia de uma literatura específica para as crianças. Nesses encontros veio instituindo uma **rede de referenciabilidades**¹⁵, estabelecendo diálogos com seus pares em cartas, o que se traduziu numa defesa da necessidade de que a educação das crianças ocupasse o cenário político e educacional de seu tempo. Como uma das protagonistas desse momento político, Meireles escreveu para crianças e sobre crianças, discursando sobre a importância de que os adultos criassem estratégias para ouvi-las, deslocando-se dos seus lugares de saber para interpretar as necessidades da infância.

É esse pensamento de Cecília Meireles que atravessa suas obras literárias produzidas posteriormente à **Criança Meu Amor**, o que atribui um caráter de contemporaneidade a essas últimas, que são ainda reeditadas, convidando os educadores a problematizarem a tensão existente entre adultos e crianças.

A função de analisar livros infantis era comum a Meireles. Cecília Meireles utilizou-se da **Página de Educação** para tecer comentários criticando e/ou elogiando livros de literatura de autores brasileiros e estrangeiros. Algumas dessas análises compuseram o repertório das crônicas jornalísticas. Autores, como o argentino Constâncio C. Vigil, tiveram sua obra literária apreciada pela poetisa-educadora. De acordo com a intelectual brasileira:

Poucos autores terão, como Constâncio C. Vigil, o poder de publicar tantos livros para a infância conservando em todos o mesmo ritmo espiritual, a mesma

¹⁴ De acordo com os estudos de Yolanda Lôbo (2010), as obras **Romanceiro da Inconfidência** (1953) e **Rui: pequena história de uma grande vida** (1949 – Edição comemorativa do centenário de Rui Barbosa) são de cunho pedagógico.

¹⁵ Sobre o conceito de **rede de referenciabilidades** ver Ferreira (2014).

atmosfera de pureza e bondade, e a mesma ansiedade de transmitir aos pequeninos as melhores conquistas da sua inteligência, do seu caráter e do seu coração. [...]

É um autor *consciente*. E num dos seus prefácios escreve: “no hay tarea más delicada, difícil, compleja y de mayor responsabilidad moral que la de escribir libros de esta índole”.

E, como uma advertência oportuna, este homem que escreveu por um ideal, por uma razão de sentimento, por atividade do espírito, confessa com simplicidade: “Por mi parte, he necesitado vivir más de medio siglo abstrayéndome en las más sérias meditaciones, para afrontar la empresa de escribir para los niños.”

[...] Por isso é que Constâncio Vigil realiza tão bem o seu destino de escritor para a infância. Porque ele escreve como quem fala. Como quem fala a seus filhos. E como quem só sabe dizer aquelas coisas superiores que meio século da vida meditativa lhe tem ensinado, de uma forma tão bela que transfigura todos os sofrimentos¹⁶.

A promoção do hábito de leitura foi um tema caro a muitos educadores latino-americanos das primeiras décadas do século XX. Produziram textos sobre a qualidade dos livros disponíveis para a infância, assim como estratégias para conquistar o interesse dos potenciais leitores, como o fez a poetisa, jornalista e educadora Cecília Meireles. Houve, também, segundo o recorte de Gabriela Soares (2002), a presença de outros educadores latino-americanos como os argentinos German Berdiales e Fryda Schultz Montavani, bem como a chilena Gabriela Mistral, sendo o pensamento desta última abarcado em comentários na *Página de Educação* por Cecília Meireles¹⁷. Sua admiração por Gabriela Mistral transparece num de seus comentários, quando diz que existem poetisas para quem a vida representa uma gênese misteriosa. “É assim Gabriela Mistral, a grande poetisa chilena cuja obra, de uma vasta inspiração, carrega em si toda a inquietação dos sentimentos e pensamentos universais”¹⁸. Mais de um ano antes da publicação desta crônica, a jornalista já havia feito referência à sensibilidade da poetisa chilena no que tange a sua função de educadora comprometida com questões literárias ao narrar que:

Gabriela Mistral, numa página brilhante, como todas as que escreve, disse também: “Cremos que para as próximas gerações americanas a guerra aparecerá como uma ilustração de velhas literaturas e uma lei de tempos anulados, para elas, pela sensatez piedosa dos nossos legisladores e mestres”.

Bem se vê que isso são palavras de uma notável educadora. Nelas palpita a preocupação da humanidade futura e da situação que a humanidade de hoje lhe determinará como uma consequência de si mesma¹⁹.

¹⁶ MEIRELES, Cecília. **Constâncio C. Vigil**. 21 de abril de 1931 (Grifo no original).

¹⁷ Para saber mais sobre a relação entre Cecília Meireles e Gabriela Mistral pela defesa da leitura pública para criança, ver Ferreira (2014).

¹⁸ MEIRELES, Cecília. **As cantigas de embalar de Gabriela Mistral**. 3 de setembro de 1932.

¹⁹ MEIRELES, Cecília. **O dia Pan-Americano**. 15 de abril de 1931.

Em correspondência a Fernando de Azevedo, ao falar de sua opinião sobre o livro de Monteiro Lobato, reforçou a preocupação com o preservar da pureza da infância nas obras literárias. Apesar de nutrir certa admiração pelo escritor, Meireles apontou um estranhamento no que tange aos personagens. Em suas palavras:

Recebi os livros do Lobato. Preciso saber o endereço dele para lhe agradecer diretamente. Ele é muito engraçado, escrevendo. Mas aqueles seus personagens são tudo quanto há de mais malcriado e detestável no território da infância. De modo que eu penso que os seus livros podem divertir (tenho reparado que diverte mais os adultos do que as crianças) mas acho que deseducam muito. É uma pena. E que lindíssimas edições! Devo confessar-lhe que uma das coisas que me estão constringendo na elaboração deste livro é o seu próprio feito, em relação aos demais. [...]. Por nenhuma fortuna do mundo eu assinaria um livro como os do Lobato, embora não deixe de os achar interessantes (MEIRELES, 1932 apud LAMEGO, 1996, p. 229).

Cecília reconheceu o valor das edições da obra de Lobato, no entanto, uma coisa lhe saltou aos olhos: a ausência de cuidado com o educar. Talvez, a educadora soubesse do interesse mercadológico de Monteiro Lobato e da pouca preocupação com a questão literária nos livros para os pequenos. Em carta escrita ao amigo Rangel, Lobato diz:

Chegou-me afinal o livro infantil – mas não é livro infantil. Não é literatura para crianças. É literatura geral.

Para ser infantil tem o livro de ser escrito como o *Capinha Vermelha*, de Perrault. Estilo ultradireto, sem nem um grânulo de “literatura”. Assim: Era uma vez um rei que tinha duas filhas, uma muito feia e má, chamada Teodora, outra bonitinha e boa, chamada Inês. Um dia o rei etc.

A coisa tem de ser narrativa a galope, sem nenhum enfeite literário. O enfeite literário agrada aos oficiais do mesmo ofício, aos que compreendem a *Beleza literária*, para nós é maçada e incompreensibilidade para o cérebro não envenenado das crianças.

As tuas histórias do tempo do onça são escritas para os sabedores de língua, para os espíritos inteiramente cultivados; não para as crianças. [...]

Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, **mato, como quem mata pulgas, todas as “literaturas”** que ainda as estragam. Assim fiz no Hércules, e na segunda edição deixá-lo-ei ainda menos literário do que está. Depois da primeira edição é que faço a caçada das pulgas – e quantas encontro, meu Deus! (LOBATO, 1945 apud ZIBERMAN; LAJOLO, 1988, p. 298) (Sem grifo no original).

Construir uma narrativa a galope! “Matar a literatura” como quem mata pulgas! No escopo do limite de seu tempo, talvez as palavras de Monteiro Lobato não causem estranhamento. No entanto, embarcado por determinadas concepções, procura “calar a literatura” de seus livros voltados para o público infantil. Nada de histórias envolventes, nada de invenções engenhosas e brilhantes. Lobato quer apagar os vestígios literários como quem “mata pulgas”, ou seja, exterminando-os. Provavelmente, a percepção desse

viés não literário não passou despercebido à Cecília Meireles, fato que talvez justifique sua colocação na carta a Fernando de Azevedo: “Por nenhuma fortuna do mundo eu assinaria um livro como os do Lobato”²⁰.

Dessa forma, como uma poetisa-educadora comprometida com seus ideais educacionais, poderia aprovar os livros de Monteiro Lobato? Será que as inquietações e críticas da boneca Emília, para Meireles, favoreciam a sensibilidade e a compreensão do mundo das crianças? Talvez resulte dessas percepções o estranhamento com as personagens de Lobato, uma vez que para a educadora escrever para criança requer ciência, arte e um delicado cuidado, como dito anteriormente. Isto por vê-la como ser produtor de cultura e que, como tal, precisa ser ouvida.

Com um discurso que reiterava o papel do livro e da leitura na formação integral da criança, Cecília Meireles concebeu bibliotecas infantis que deveriam suscitar, antes de qualquer outra, a dimensão afetiva dos leitores, protegendo a infância de leituras que, em sua opinião, fossem nocivas ao desenvolvimento infantil, mas, ao mesmo tempo, fomentando as capacidades criativas da criança e as diversas manifestações dessas capacidades. Nessa concepção, a leitura pública é fonte e tema de sustentação das bibliotecas infantis brasileiras, rompendo com a ideia de uma literatura simplesmente moralizante.

O cuidado presente na seleção dos livros infantis e na constituição do espaço para que essa literatura pudesse se consolidar, a partir da opinião literária das crianças, apontava para uma concepção de infância envolta em pureza e na riqueza própria a essa fase da vida. No âmbito educacional, muito se tem feito para se entender a infância, a fim de conseguir vê-la e respeitá-la não como um mero espaço no tempo a ser vivido, mas como uma condição da criança no presente (KUHLMANN JR., 2001).

Apesar de ter afirmado em suas crônicas que diferentes instituições, além da escola, concorriam para educar a criança e que a educação popular precisava ser valorizada, identificamos, em seus discursos, uma centralidade das bibliotecas escolares

²⁰ Os estudos de Marisa Lajolo (1994) sustentam a vertente aqui levantada de que Monteiro Lobato já insistia, em correspondências a Godofredo Rangel, que a literatura infantil poderia ser considerada um estilo economicamente lucrativo. Se tal literatura fosse associada ao gênero paradidático, à tradução e à adaptação poderia ser ainda mais lucrativo. Associava essa possibilidade de renda também ao trabalho jornalístico. Num trecho da carta diz: “sabe que estou em véspera de ressuscitar literariamente? A famosa comichão vem vindo – e terei de coçar-me em livro ou jornal. Só me volto para as letras quando o bolso esvazia e agora, em vez de pegar milhões de dólares, perdi alguns milhares na bolsa. Resultado: literatura around the córner. E se não me sai logo uma tacada em que tenho grandes esperanças, boto livro, Rangel, boto jornalismo, boto literatura infantil mas se sai a bolada antes, então adeus Minerva! Sabe que concentrei um Robinson? Octales encomendou-me e fi-lo em cinco dias – um recorde: 183 páginas em cinco dias, inclusive um domingo cheio de visitas e partidas de xadrez” (LOBATO, 1930 apud LAJOLO, 1994, p. 96).

como espaços que possibilitariam o contato com práticas e valores oriundos de nossa herança matizada pela influência europeia, aquela que dá voz aos nossos colonizadores. Trata-se de uma visão pautada na erudição, sendo essa leitura erudita entendida como aquilo que há de melhor na sociedade: as peças teatrais belgas e espanholas, que traduziu para o teatro, cuja divulgação nas escolas entendia ser importante, e/ou a valorização das músicas clássicas sustentam a defesa por uma ideia de que ao povo deveria ser oferecido acesso a essa cultura.

A LEITURA PARA CRIANÇA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUE NOS DISSE CECÍLIA MEIRELES

Foi tarefa difícil a de traduzir em palavras a essência de uma obra sem limites. Uma obra cuja melodia ultrapassa o tempo de sua existência. Ao fixar os limites da trajetória de Cecília Meireles não trabalhamos com o tempo cronológico de Meireles, mas com o tempo dos reflexos e refrações de suas ideias. Ao analisar o seu discurso educacional buscamos construir uma relação dialética entre texto e engrenagens sociais, numa teia de relações históricas complexas em torno das contribuições cecilianas para pensar a literatura infantil e a criança em suas singularidades e potencialidades.

À título de conclusão, considerando os limites deste texto, podemos afirmar que a defesa de Cecília Meireles em torno da ideia de que era preciso refletir seriamente sobre como formar a criança leitora aponta para a necessidade de uma responsabilização dos adultos de diferentes instâncias sociais com esse compromisso. Defende-se, aqui, a ideia de que a educadora, através do espaço jornalístico, com todos os limites de seu tempo, lutou por um lugar para a infância tal qual os discursos que permanecem na atualidade: a criança como um ser de direitos, cuja cultura pode ser respeitada em sua singularidade.

As crônicas de Cecília Meireles, analisadas neste trabalho, continuam abertas a novas interpretações. A necessidade de colocá-las em diálogo decorre, de certa maneira, da coerência da própria intelectual, que buscava uma educação aberta ao novo. Sua convicção de uma infância respeitada em sua cultura nas produções literárias aponta para uma aproximação com a ideia de que para além de uma visão da criança como um território de potencialidades faz-se necessário entendê-la como um ser eivado de conflitos – um ser com/no mundo.

O caráter idiossincrático de suas crônicas aponta para uma concepção de infância como singularidade que precisa ser respeitada. Dessa forma, projetar imagens num outro

distante pode significar que a realidade escape por entre os dedos. Olhar para uma criança, com certo estranhamento e distanciamento, possibilita uma visão de mundo marcada por um determinismo, centrado no olhar do adulto.

A educadora discutia a possibilidade de uma educação aberta ao nascimento, permitindo um repensar constante dos saberes que temos sobre a infância, sendo o livro um instrumento privilegiado para a transversalidade de um ideário educacional. Dessa forma, a criança leitora pode ser vista como algo absolutamente novo que dissolve a solidez de nosso mundo e que suspende a certeza que nós temos de nós mesmos.

Em muitas de suas crônicas nos faz refletir que a criança é um ser capaz de criar, mudar e ser mudada pelos seus próprios pensamentos. Dessa forma, rompe com a ideia de uma infância vista como etapa cronológica na evolução do homem e discute na *Página de Educação* abertamente com os autores de livros infantis sobre isso, assim como com os intelectuais de sua geração com quem se correspondeu. Afirmou reiteradamente que essa ruptura na forma de compreender a criança em diálogos estabelecidos no/com o livro pode possibilitar entender esse período da vida como um momento na história do ser que se repete eternamente, e neste repetir revela o que é essencialmente humano. A luta de Cecília Meireles por um lugar para a criança nos debates educacionais de 1930 possibilita, dessa forma, um repensar das ações editoriais que se voltam para o público infantil acerca da necessidade de se superar a visão da criança como um ser passível de homogeneização. Para tal, precisamos vê-la como criança de um lugar, e de um lugar de cultura, educando-a como leitora, considerando as dimensões artística e científica nos livros a ela destinados.

CHILDREN'S LITERATURE IN EDUCACIONAL SPEECH IN THE 1930 DECADE: CECÍLIA MEIRELES AND THE READER CHILD

ABSTRACT

The following paper discusses the reader formation project which one the intellectual Cecília Meireles was involved in the 1930's. We try to find, through reading of the chronicles she wrote when worked in *Página de Educação*, from the journal *Diário de Notícias*, the conception of child and reading that defended during her life. In special what refers the conception of children's literature that should guide the books that were made for reader children. It also aim to discusses how her thoughts, that was also a book writer for children, consolidated her as a critic to the editorial movement of that time. We argue that her aid in defense of a literature that respect the way that children could see the world is a part of a movement in a time of political-educational fight.

Keywords: Cecília Meireles. Reader child. Children's literature.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando de. **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. 1932. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- CORRÊA, Luciana Borgerth Vial. Criança, Ciência e Arte. In: NEVES, Margarida S.; LOBO, Yolanda L.; MIGNOT, Ana Chrystina V. **Cecília Meireles: A poética da educação**. R.J.: PUC/Loyola, 2001, p. 121 - 132.
- FERNANDES, Hercília Maria. **Cecília Meireles e a Lírica pedagógica em 'Criança meu amor' (1924)**. 2008. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio. **Entre leitores, bibliotecas, campos e jardins: Gabriela Mistral e Cecília Meireles em projetos de educação popular no México (1920) e no Brasil (1930)**. 329f. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 2. ed. Porto Alegre: Mediações, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1994.
- LAMEGO, Valéria. **A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife: Massangana, 2010.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PIMENTA, Jussara Santos. **Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem: Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do pavilhão Mourisco (1934 – 1937)**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2001.
- ROCHA, Marlos B. Mendes da. **Matrizes da Modernidade Republicana: cultura política e pensamento educacional no Brasil**. Campinas, SP: Autores associados: Brasília, DF: Plano, 2004.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. **A Semear Horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915 – 1954)**. 2002. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- XAVIER, Libânea Nacif. **Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2002.

ZIBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças**. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1988.